

TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE
PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU: PEDAGOGIA
DAS MIUDEZAS NA EDUCAÇÃO DAS
INFÂNCIAS: SOBRE EPISTEMOLOGIAS,
UTOPIAS E TEIMOSIAS, REALIZADO PELO
POLO A CASA TOMBADA - CENTRO DE
ESTUDO, PESQUISA E EXPERIMENTAÇÃO EM
ARTE, EDUCAÇÃO E LINGUAGEM, DA
FACONNECT - FACULDADES INTEGRADAS

DOROTI FERREIRA MARTZ

**Encantamentos para crianças grandes:
alembraamentos para o esperar na educação.**

RESUMO

O ensaio propõe uma reflexão sobre as práticas educativas a partir de uma perspectiva de encantamento, em contraposição à lógica contemporânea de desencantamento e desconexão com as múltiplas histórias que compõem nossas existências. Inspirado em saberes de povos originários, especialmente na cosmo percepção Guarani da aldeia Tekoa Yvy Porã, que reconhece a criança como luz do mundo, o texto convida à escuta da "criança interna" silenciada durante o processo de adultização. A noção de "infâncias deslocadas" surge como uma proposta de retomada da presença ativa dessa criança na vida adulta, permitindo o (re)encantamento do cotidiano e a construção de novos mundos possíveis. A escrita se ancora em conceitos como alembra mentos (invocação de memórias significativas), esperar (inspirado em Paulo Freire) e no aforismo africano Sankofa, que convoca o retorno às origens como forma de orientar o futuro. Assim, o texto propõe uma pedagogia sensível ao tempo, à memória e à ancestralidade, onde criança e adulto caminham juntos na criação de sentidos mais humanos e plurais.

Palavras-chave: Alembra mentos. Esperar. Encante. Infâncias deslocadas.

ABSTRACT

This essay proposes a reflection on educational practices from a perspective of enchantment, countering the contemporary logic of disenchantment and disconnection from the multiple stories that shape our existence. Inspired by Indigenous knowledge, particularly the Guarani worldview from the Tekoa Yvy Porã village — which recognizes the child as the light of the world — the text invites us to listen to the "inner child" often silenced throughout the adultification process. The concept of "displaced childhoods" emerges as a proposal to reintegrate this child within adult life, allowing for the (re)enchantment of everyday experiences and the construction of new possible worlds. The writing draws upon concepts such as alembra mentos (the act of invoking meaningful and guiding memories), esperar (inspired by Paulo Freire's notions), and the African adinkra aphorism Sankofa, which calls for a return to the past in order to guide the future. The essay thus proposes a pedagogy that is attentive to time, memory, and ancestry, in which child and adult walk side by side in the creation of more human and plural meanings.

Keywords: Alembra mentos. Hoping. Enchantment. Displaced childhoods.

O brincar e o cuidado são direitos conquistados para as infâncias¹, ainda bem! Brincar é coisa séria, é encontro com o imaginário, com o lúdico, uma flecha lançada no espaço-tempo que suspende o cotidiano das infâncias, criando outras possibilidades de mundos e existências. O brinquedo ou o momento do brincar geram expertises, vínculos, conexões e encontros. É pelo brincar que se cria, recria, inspira múltiplas formas de estar no mundo. Mais do que tudo, o brincar produz o brilho nos olhos, a curiosidade para o novo, a inspiração para o que não é tangível. De acordo com o Cacique Márcio da reserva indígena Tekoa Yvy Porã², “a criança é o farol que ilumina o caminho do adulto”. Se a criança é um farol que aponta infinitas possibilidades, por que então abandonamos a nossa criança interna, enquanto pessoas adultas? Por que a sufocamos até silenciá-la? Por que não lutamos por ela como ela lutaria por nós? Em qual momento nos apequenamos tanto para virar gente grande?

Pois bem, indago ainda o motivo pelo qual as nossas crianças internas decidiram não nos abandonar, mesmo quando tão facilmente trocamos o universo da criança pelas burocracias diárias da existência adulta. Será então que a criança que fomos seria melhor do que nós, pessoas adultas? Ao meu entender, a resposta é simples, nem pior nem melhor, apenas teimosa e curiosa.

Segundo Daniel Munduruku³, o sonho da criança indígena é ser avô (e avó), isso significa que o sonho da criança é ser sábia, carregar experiências e histórias para contar para outras crianças que irão sustentar novos mundos. Talvez seja por isso que as nossas crianças internas não nos abandonaram, porque elas querem acompanhar o trajeto de seus sonhos de serem avôs e avós. É espiando pela brecha do olhar adulto que a criança assiste de camarote nossas vidas, escolhas, triunfos, derrotas e frustrações. Mas e se, em vez de permitirmos que elas apenas olhem pela brecha do mundo adulto, as crianças caminhem de mãos dadas nos

¹ O Estatuto da Criança e Adolescente (Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990), propõe diretrizes para garantia de direitos de crianças e adolescentes, para o desenvolvimento do ser humano e direitos civis. O cuidado e o brincar são direitos garantidos pelo Estatuto para acesso a dignidade, saúde e liberdade. Disponível em: https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/crianca-e-adolescente/publicacoes/eca_mdhc_2024.pdf

² Imersão da Pós-graduação Pedagogia Das Miudezas na Educação das Infâncias: Sobre Epistemologias, Utopias e Teimosias, em 30/08/2024, realizada na reserva indígena Tekoa Yvy Porã localizada no Jaraguá/SP, com o intuito de partilhar da cosmopercepção indígena adquirindo aprendizagens dos modos de vidas e saberes produzidos na comunidade indígena aldeada.

³ Trecho de entrevista de Daniel Munduruku, Instituto Alana. *[Reel sobre O sonho da criança indígena é ser avô]*. Instagram, Reel publicado em: 08/11/2024. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/DCG1_1TvqW7/. Acesso em: 06 ago. 2025.

fazendo brilhar os olhos com seus faróis de esperanças?

Esta é uma proposta ousada no entanto necessária, pois a criança, e só a criança pode tecer o esperar nesse mundo caótico que estamos destruindo lentamente. Uma vez que a criança assume seu lugar de protagonista na vida da pessoa adulta, ela prepara caminhos possíveis para novas infâncias ressurgirem.

Essa escrita-pensamento convida a criança a ocupar seu [in]devido lugar como protagonista do esperar. Pretendo chamar essa retomada do lugar das crianças que habitam o interior da pessoa adulta de “infâncias deslocadas”. Esse termo remete ao caminhar de mãos dadas com a criança interna que nos habita, ainda que essa criança esteja marcada por traumas. O intuito dessa caminhada compartilhada é que as duas partes se beneficiem da potência do encontro, que pode ser curativo e restaurador. A criança que um dia fomos ou a que carregamos no nosso imaginário, contribui para rotas luminosas à pessoa adulta, trazendo sonhos, esperanças e crenças que nos foram importantes em outros momentos.

Para dar início à retomada da infância na pessoa adulta, nas infâncias deslocadas, será necessário invocar alguns alembramentos. Alembrear é uma primeira prática de acionar memórias ORientadoras⁴ para o restabelecimento de rotas, resgate de experiências, retomada de si. A prática de alembramento apresentada aqui carrega a herança transatlântica trazida pelas pessoas negras escravizadas. Heranças que auxiliam na manutenção da vida, mesmo em momentos desafiadores.

Os alembramentos invocados para esta escrita-pensamento dialogam com a filosofia africana presente no adinkra⁵ Sankofa, que propõe: “volte e pegue o que esqueceu”, simbolizado pela imagem de um pássaro que projeta seu corpo para frente com a cabeça voltada para trás. De acordo com Silva (2023, p. 5) “o provérbio associado à Sankofa é ‘Se wo were fi na wo sankofa a yenky’, cuja tradução seria ‘não é errado voltar atrás pelo que se esqueceu’. Sankofa simboliza o retorno ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro”.

Portanto, para essa escrita, os alembramentos nos convidam a voltar atrás no

⁴ A perspectiva “ORientar” aqui abordada, baseia-se na cosmo percepção Bantu, onde o ORI significa cabeça, início, Orixá interno que aponta a direção a ser seguida, propõe que seja trilhado um caminho próximo aos propósitos pessoais de cada pessoa, caminho alinhado.

⁵ Adinkra é um sistema de imagens que transmite a sabedoria ancestral do povo Akan, um grande grupo da Costa do Marfim e de Gana que inclui o povo Bono, Kwahu, Gyaman, Fante, Asante, entre outros. (Silva, 2023, p.5)

território das infâncias e pegar aquilo que nos é importante para ressignificar o presente e lançar futuros possíveis.

Primeiro alembramento: abrindo porteira para uma história ancestral

“Cumpadi São
Benedito Vê se de nós
alembra Alembra,
alembra, alembra ô
Meu cumpadi alembra”
(ponto de preto velho, domínio público)

Como primeira prática de alembiar, trago para esta escrita uma história que compõe as marcas que constroem meu corpo. Mulher preta, periférica, brincante da cultura popular, aprendiz com um olhar sensível para os modos de vida distintos e curiosa para o mundo. Caminho por muitas estradas abertas por ancestrais escravizados [e não só] que se arriscaram para que outras pessoas passassem. Na construção de minha cosmopercepção⁶, a experiência transatlântica é um importante acontecimento que me suspende a uma constante travessia em deslocamentos internos, externos, epistêmicos e de geolocalização.

Essa experiência transatlântica resultante do tráfico de pessoas escravizadas vindas do continente africano para o Brasil produz a ferida colonial⁷ (Mignolo, 2008), que é a memória de dor ancestral que permeia a experiência negra na atualidade, bem como reflete na estrutura histórico-social a qual seus descendentes ainda precisam lidar, como falta de acessos, recursos e garantias de direitos para uma vida com autonomia e dignidade.

Essas faltas lançam os corpos da diáspora negra africana em um lugar de escassez e precariedade, produzindo a desumanização das condições de vida, colocando-os num lugar de sobrevivência e retirando assim o propósito de existência. A tática “enfraquecer para dominar” gera o esquecimento das potências dos povos da diáspora africana e o apagamento dos seus feitos importantes, construindo uma narrativa histórica que desconsidera o domínio da produção de

⁶ Empristo o conceito cosmopercepção de Nêgo Bispo, onde o autor é mais do que uma simples cosmovisão ou crença cultural. Trata-se de uma percepção existencial integrada, em que não há separação entre sujeito e mundo, espiritualidade e materialidade, natureza e cultura” (Bispo dos Santos, 2023).

⁷ O conceito de ferida colonial, pautado por Mignolo e inspirado na escritora Gloria Anzaldúa, se refere ao trauma existencial deixado pelas estruturas colonizadoras, que impactam na subalternização da construção do ser, saber e sentir dos povos colonizados e seus descendentes.

conhecimento e tecnologias, na tentativa coisificar as pessoas colonizadas e escravizadas. No entanto, o projeto político de coisificação dessas pessoas não foi completamente eficaz, pois houve um contra-ataque dos povos africanos que não se permitiu dominar, assentando a cosmopercepção de suas nações nos corpos de seus descendentes.

A reivindicação da memória de outros tempos daquelas/es que atravessaram o Atlântico, impulsionou a invenção de uma nova vida em terras distantes. Corpos esfacelados, vidas interrompidas, desfeitas na separação entre seus pares e na aglutinação de existências, culturas, linguagens, pensamentos e identidades. O tráfico de corpos-vidas na travessia do Atlântico é marcado pela tentativa de roubo da potência de pensamentos, cosmovisões e tecnologias presentes na pluralidade africana. Não por acaso, tal atitude de desmembramento de povos do continente africano veio para inibir toda a qualidade de produção de modos de vidas, apossando-se de toda a riqueza e humanidade produzidas por esses povos. No entanto, os povos africanos não se deixaram capturar pelos mandos e desmandos dos quais aqueles que se denominavam como “Senhores” impunham, pelo contrário, há uma desobediência assentada no corpo, individual e coletiva que contraria a lógica de roubo, esquecimento e desterritorialização da diáspora negra no processo de colonização. (Martz, p. 23-24, 2023)

As culturas negras, assim como toda a herança dos antepassados da diáspora, são criadas por meio da inventividade na travessia do Atlântico, onde o corpo é o responsável pela manutenção dos modos de vida e das descapturas perante a tentativa de colonização. É no corpo que se sustentam as cosmopercepções dos antepassados. O corpo transatlântico, marcado por histórias, fé, crenças e conhecimentos, carrega os diversos modos de vidas e organizações de sociedades advindas do continente africano. É através das culturas afrodiaspóricas que ele se relaciona com a herança ancestral e se reposiciona no mundo. Portanto, o corpo é uma importante ferramenta de re-existência contra a colonização e dominação.

A história que me compõe começa no berço onde me constituo. Filha do Sr. Marcos e da D. Dalva, nascida na periferia da capital de São Paulo, no bairro Brasilândia, cresci entre possibilidades e impossibilidades, conhecendo a abundância e a escassez, uma vez que a pobreza e a fartura visitavam de quando em quando o nosso lar. Um dos grandes feitos desse tempo que me direcionaram ao meu fazer atual na arte-educação foi o amor que adquiri pelos livros.

Sendo a quarta e última filha, desde cedo dependia do tempo e vontade alheios para brincar. Constantemente encontrava a indisposição de minhas irmãs

que estavam quase sempre ocupadas dando conta das tarefas designadas por minha mãe e meu pai, que passavam grande parte do dia no labor.

Encontrei nos livros um aliado para me guiar no mundo da imaginação. Inicialmente lia as imagens neles contidas, criando minhas narrativas inventadas. Por volta de cinco anos de idade, a curiosidade pelas letras que habitavam os livros cresceu fortemente, tentei buscar o significado delas com minhas irmãs e minha mãe que, quando podiam, liam os gibis da Turma da Mônica que eu tanto gostava. Com a constante falta de tempo das pessoas ao redor, fui me aventurando por conta própria a aprender a ler e, assim, mergulhei de cabeça no universo dos livros.

Cresci encontrando com mais frequência a escassez, mas a persistência de meu pai em colecionar selos dos jornais de domingo resultou na construção de nossa biblioteca, com livros, atlas e dicionários. Meu pai dava a missão de que nós, suas filhas, lêssemos uma curiosidade de um país diferente do mundo todos os dias e, ao chegar do trabalho, ouvia atentamente nossas narrativas sobre os novos lugares. Assim, fui aprendendo sobre o mundo e as palavras, viajando constantemente através da imaginação sem sequer sair de casa.

Viver em uma casa com três irmãs, com restrições para brincar na rua devido aos perigos que habitam a periferia, nos levou a buscar muita criatividade e inventividade no brincar. O pequeno quintal de casa, aos olhos da minha criança, parecia imenso e nele habitava muita imaginação. Ali nós inventamos brincadeiras e brinquedos em que o nosso corpo era sempre instrumento maior do brincar. As ausências nos proporcionavam, de certa forma, espaço para a invenção e criação. Pega-pegas, pique-esconde, queimada, rouba-bandeira, pedrinha, cobra-cega, corda humana, corrida na escada, rapel, essas eram algumas entre muitas coisas que ocupavam os nossos dias, depois de cumprirmos com os afazeres da casa e da escola. Eu gostava muito de brincar de mecânica [profissão de meu pai], abrir os eletrodomésticos e montar de volta para saber de que eles eram feitos. Foi uma infância marcada pela abundância de criatividade que dava outra roupagem à escassez.

A infância de uma pessoa negra carrega particularidades muito específicas no trato, principalmente no que diz respeito aos direitos humanos, à educação, à saúde e ao brincar. O preconceito existe, mesmo que a inocência da criança insista em não perceber, as diferenças são postas pela falta de cuidado, de toque, de afeto e de palavras de benquerença. A infância que tive em casa, felizmente, foi blindada

de alguns desses preconceitos. Já na escola e em outros espaços de convívio, como os serviços de minha mãe, onde a acompanhava no seu labor de empregada doméstica, o preconceito insistia em ferir minha pele com atitudes maldosas, falas não adequadas e, quase sempre, a desumanização de minha criança. Esses fatores habitaram minha infância negra, vivida na década de 1990, onde o racismo nas relações ainda não era pauta de discussão.

A criança que me habita carrega o encantamento dos livros, a paixão pelas letras, o encontro com o mundo imaginário, o brincar investigativo e a curiosidade das coisas, mas também é marcada pelas violências, ausências de cuidado e desumanização. Dessa forma a minha criança, uma vez que é invocada para caminhar com minha versão adulta, carrega as potências positivas e negativas da experiência vivida.

Tal qual Conceição Evaristo (2020) nomeia de *Escrevivências*⁸ as práticas de escrever a própria história como caminhos para uma escrita encarnada, a autora também utiliza a invenção e a reinvenção da realidade como forma de criação de seus contos e de seus personagens que dançam entre o real e fictício. Me inspiro nessa escrita encarnada, fictícia, para recriar minha criança interior de maneira que as infâncias vivida e desejada se tornem uníssonas, contribuindo com o esperar da pessoa que me tornei hoje e ecoando na pessoa que poderei me tornar amanhã.

A invocação da criança que fui com o encantamento das experiências por ela vivenciadas contribui para a construção da perspectiva de infâncias possíveis, em que as diferenças e as pluralidades são consideradas como potências de existências. O olhar direcionado para o que chamo de infâncias possíveis [guardadas das violências, sofrimentos causados por contextos de desigualdades e protegidas pelo roubo das infâncias] contribui para a cura da minha criança interior e, ainda, agrega potencialidades ao meu fazer enquanto profissional da educação, de modo a respeitar a pluralidade das infâncias de crianças pequenas e grandes

⁸ *Escrevivência*, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos”. (Evaristo, 2020, p. 30)

[em infâncias deslocadas].

É preciso preservar ao máximo o desabrochar das crianças nas infâncias, proporcionando terreno fértil para seu desenvolvimento, pois, se a criança é o farol do mundo, é preciso cuidar da manutenção desse farol para que ele também possa guiar a pessoa adulta em sua trajetória.

Certo dia, sonhei ser criança. Nesse sonho, não compreendia o motivo das pessoas se odiarem pela cor, não entendia as guerras, a fome, o uso da força e tanto ódio caminhando pelas ruas. Também não entendia a normalidade do trato [ou destrato] das pessoas em situação de rua. Não entendia muitas coisas, mas uma coisa eu era bem-sabida, sabia que não era certo toda essa violência, não era certo tanto sofrimento, não era certo ver tanta gente sofrer. Sonhei que eu podia mudar as coisas, que podia mudar o mundo. Comecei então a pintar tudo ao redor com lápis aquarela, o mundo ficou bonito e molhado como banho de mangueira num final de tarde de verão, tudo ao redor sorria, o mundo entendia que tudo era a mesma coisa. Não havia separação entre os reinos. O reino onde habitavam os animais, o reino onde os vegetais faziam morada, o reino do visível e o reino do invisível era tudo a mesma coisa e todos viviam em paz.

Neste sonho, me deparei com outras crianças tendo o mesmo sonho que eu. A primeira criança que encontrei foi uma criança indígena que dizia que o mundo era como uma teia de aranha e que tudo estava conectado. Depois encontrei uma criança Exu que brincava de habitar o presente, passado e futuro como quem pula amarelinha, afirmando ser tudo igual. Essa criança bagunçava tudo para poder organizar depois, e se divertia dizendo que toda vez que ele reorganizava, deixava tudo melhor. Encontrei ainda a criança Deus que se divertia em criar novas coisas no caos da criança Exu, e que brincava com o mundo como quem brinca de carrinho e boneco no final de tarde.

Depois foram surgindo muitas outras crianças, a criança desejo, a criança arco-íris, a criança felicidade, e o mundo passou a ser habitado por essas crianças e elas, sabidas como eram, criaram um novo mundo ao seu gosto. Fui atenta a caminhar pelo mundo por elas criado e esperei encontrar cachoeiras de chocolates, casas feitas de doces, um mundo em caos sem as regras das pessoas adultas. Mas tive uma grande surpresa, encontrei um mundo com paisagens e costumes completamente diferentes, um mundo pintado à mãos, onde a diferença era vista como potência, a abundância fazia morada em todas as casas, os sentimentos

eram sempre respeitados, até a tristeza tinha um lugar só para ela. Todas as crianças habitavam à sua maneira e em paz, respeitando o espaço e a escolha da outra.

Procurei pelas mazelas, busquei as ausências, busquei pela fome, fui ao encontro das guerras, da dor e da desesperança, mas não encontrei. Intrigada, esperei que as crianças se desentendessem e em certo momento isso realmente aconteceu, esperei pela briga, e percebi que elas resolviam suas diferenças e atritos com o diálogo e tudo voltava a caminhar na paz. A coexistência entre todas as coisas reinava neste mundo inventado.

Ao acordar desse sonho, indaguei se era possível, ou até mesmo viável, construir um mundo dessa maneira. Cheguei à conclusão de que não era possível, pois no mundo real também habitam os adultos, que teimam em estragar as coisas pensando apenas em seu mundo-umbigo. Durante dias fiquei com esse sonho na cabeça e uma sensação de não querer pertencer a esse mundo dito “real”. Foi então que tive a ideia de convidar para perto a minha criança interna, para unir minha astúcia de mulher vivida aos olhos de seus faróis brilhantes e tentar, quem sabe, contribuir neste mundo que habito, deixando-o mais próximo ao mundo que conheci no sonho. Surpreendentemente fui encontrando e reconhecendo as crianças de meu sonho, aqui no mundo real, brilhando como faróis nos olhos das pessoas adultas que encontrei nos caminhos que percorri. Só assim entendi que o que tive não foi um sonho qualquer, mas sim um presságio de que a revolução das utopias para um mundo mais justo e gentil já havia começado.

Compreendi então que minha função nessa revolução era ser encantadora de crianças, convidando as infâncias já esquecidas a habitarem o mundo das pessoas adultas, entregando a importante tarefa das crianças-sonhos iluminarem os olhos adultos como faróis, para que os adultos possam trilhar novas estrada para o futuro que já é e que ainda está por vir.

Assim como a letra da música “Um corpo no Mundo” de Luedji Luna (2017)⁹ diz “eu sou um corpo, um ser, um corpo só, tem cor, tem corte e a história do meu lugar”, meu corpo carrega a herança e o segredo dos ancestrais. É ele que me posiciona no mundo, dá vazão à existência, caminha em desobediência a toda forma de opressão e dominação. Meu corpo carrega a memória de quem sou, e

⁹ LUEDJI LUNA. *Um Corpo no Mundo* [Vídeo]. YouTube, 2017. Disponível em: <<https://youtu.be/V-G7LC6QzTA>>. Acesso em: 18 dez. 2025.

alembstrar que nele habita o segredo de minha existência é o primeiro ato que me conecta a quem fui, quem sou e quem ainda posso ser.

Esse primeiro alembramento que me convida a buscar o que esqueci me ensina que tudo que é guardado dentro da memória-existência, e não pode ser roubado, está no corpo, meu corpo guarda as lembranças do vivido. Aprender a escutar o que o corpo diz é lembrar quem eu sou e a potência de criação que carrego. É um convite a caminhar mais próximo à criança que me habita e aprender com ela a criar mundos possíveis no quintal da existência.

Segundo alembramento: toda vez que eu dou um passo...

“Toda vez que eu dou um passo, o mundo sai do lugar
Eu procurei o fim do mundo, porém não pude alcançar”
(Siba, 2007)¹⁰

As andanças que fiz por esse mundão muito me ensinaram e ensinam. Assim, deslocar-se geograficamente produz o aprendizado do encontro. Encontro com culturas, modos de vida, dizeres, fazeres, vidas pulsantes. Quem tiver a escuta sensível e os sentires aguçados pode perceber os aprendizados que se faz no caminho.

Mover-se é um ato de coragem, pois é quando saímos do nosso lugar de conforto que nos confrontamos com o novo, com o diferente. Ao caminhar pelo Maranhão, encontrei uma nova cultura com encantamentos e encantarias, segredos fincados no chão. Os terreiros dos Brasis viram espaços de aprendizagens constantes. Terreiros de brincar, de dançar, de capoeiragem, do sagrado e do religioso.

Terreiro-vida, onde o grande quintal da existência produz a gira epistêmica de aprendizados, pois a vida é a maior aliada na produção de conhecimento. Arar a terra, conversar com as plantas, escutar o vento, contemplar o espetáculo diário do astro rei, o sol, a se levantar e deitar, a produzir a vida e se recolher para que a noite mude o tom da existência:

“Alvorada Nova, novas Alvoradas
De manhã bem cedo, sobre a Madrugada

¹⁰ SIBA. “Toda vez que eu dou um passo o mundo sai do lugar” [Vídeo]. YouTube, MundoSiba, 2007 (data de publicação estimada). Disponível em: <https://youtu.be/elUvDpM_JSo>. Acesso em: 18 dez. 2025.

Alecrim cheiroso, angelica dobrada
No sair da estrela, ela foi coroada

De manhã o sol é
rei Meio dia é rei
croado
Às quatro horas ele é
morto Às seis horas
sepultado”

(Alvoradinha, Ladainha do Divino Espírito Santo, domínio público.)

Nestes caminhos solares nordestinos por onde andei, fui parar na cidade de São Luís, no estado do Maranhão que chamo carinhosamente de Sol Luís, porque lá é possível ter “um sol para cada um” [expressão maranhense que se remete a dias muito quentes]. Foi na cidade de São Luís que me deparei com uma imensa pluralidade de brincadeiras, manifestações populares e cultos ao sagrado. Terra onde realizei minha graduação em Teatro e, mais do que isso, me graduei na vida com aprendizados preciosos.

No pé dos terreiros, aprendi com os encantados a manter o segredo da tradição. No pé da capoeira, aprendi com Mestre Patinho [meu mestre de aprendizagens da vida e vadiagens] e Mestre Nelsinho a capoeiragem, que mescla as linhagens de capoeira angola e regional. Mas foi lá também, na escola Laborarte, que aprendi a Cacuriar [na brincadeira do Cacuriá de Dona Teté], rodando a saia e levantando a poeira com muita alegria e sensualidade. Aprendi nas noites de São Luís a ser rainha, rodando a saia, pisando na memória da tradição, invocando os antepassados nas travessias transatlânticas na manifestação do Tambor de Crioula.

Nenhum desses aprendizados chegou à toa, foi preciso “aprender a aprender”, parafraseando o Mestre Patinho que muito gostava de dialogar com os ensinamentos de Paulo Freire. Aprender a aprender na cidade de São Luís é despir-se dos achismos que o ego traz, é pisar com os pés descalços na terra, escutar o que a boca fala, o que o vento sopra e o que a intuição afirma, é aprender com o corpo todo o diálogo feito entre o mundo visível e o invisível.

Um importante aprendizado que adquiri em terras maranhenses foi escutar o invisível. Sentir os Lençóis, onde vive o touro encantado, vislumbrar a serpente que caminha de soslaio por debaixo da cidade, ouvir o grito contido no silêncio quando Alcântara dorme, pedir licença quando a sala está cheia. Nas terras do Maranhão tudo tem um dono, que pode ser um dono que herdou o roubo do governo Sarney

ou um encantado que protege o lugar. Em meio a tantas belezas e incoerências, aprender a pedir licença aos “donos [e donas] do lugar” de certo é um ato importante a se fazer para pisar com o pé direito e evitar as rasteiras que a vida visível e invisível nos dá. Há de se saber respeitar as terras de lá.

“Pisei na terra de caboclo Abalei o Juremá

Foi em Itanajé ou então Abiocá”

(Caboclo das Sete Encruzilhadas, Casa Fanti Ashanti)

Outro importante aprendizado adquirido em terras maranhenses é que, mesmo agora, no estado do Maranhão, após os 60 anos do governo Sarney, os seres invisíveis não se permitiram ser colonizados, mas se adequaram à vinda de energias de outros lugares incorporando, por exemplo, os *gentis* [encantados com origens de outros países, como Dom Luís Rei de França, Dom João, as Princesas da Turquia, etc.]. Como Mestre Patinho dizia, com sua expertise, “o novo no velho sem molestar as raízes”, e de certo que as raízes do invisível do Maranhão Encantado não foram molestadas.

Partindo da concepção do modo de vida do sudeste brasileiro [e não só], onde atualmente habito, o capitalismo e os valores modernos decorrentes do processo de colonização produzem a manutenção do epistemicídio¹¹, tal qual Sueli Carneiro (Carneiro, 2005) conceitua, produzindo assim o desencante e o adoecimento do ser para controlar e se servir de sua capacidade de produção. Nessa lógica de produção para o capital, e sem considerar a humanidade e potencialidade das pessoas, a educação formal caminha para o desencante num projeto político-social que visa desestabilizar ainda mais a luta por melhores condições para os profissionais da educação, pois o sistema opressor compreende que a maior arma contra a herança colonial é o conhecimento.

¹¹[...] o epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso a educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da auto-estima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento “legítimo” ou legitimado. Por isso o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a sequestra, mutila a capacidade de aprender etc. (Carneiro, 2005, p.97)

Capitalismo, avanço de uma sociedade rentável para poucos, é herança do sistema escravocrata da colonização que desumaniza, divide, rouba, destrói as potencialidades de vida e transforma seres pensantes em seres “funcionais”. Aqui a colonização é vista como um fenômeno de longa duração que evolui e se molda conforme os avanços da sociedade e os interesses que movem o capital, “gera ‘sobras viventes’, seres descartáveis, que não se enquadram na lógica hipermercantilizada e normativa do sistema, onde o consumo e a escassez atuam como irmãos siameses; um depende do outro” (Simas; Rufino, p. 7, 2020). Nessas condições, a perspectiva de vida se detém a sobreviver e servir como sobras ao consumo desenfreado por luxo, conforto e poder, tal qual a Casa Grande desejou para si há tempos e continua desejando, vestida de prédios que tocam o céu e em grandes mansões.

Num movimento contracolonial¹² pautado por Nego Bispo (Bispo dos Santos, 2023), em que a produção de um modo de vida se opõe aos ataques da colonização como forma de defesa, da qual também aprendi nas andanças pelos territórios negros e indígenas do Brasil, o “encante” surge como uma possibilidade que valoriza a potencialidade da humanidade, bem como a existência da vida saudável e esperançosa. Algumas práticas de encantamento produzidas em rituais de terreiros e na cultura popular proporcionam uma política de vida diante das mazelas presentes em nossa sociedade contemporânea, onde pessoas buscam, em solo ancestral, práticas de cura, manutenção da vida, acolhimento, fortalecimento e pertencimento através da existência em coletividade, que assombra a escassez com a partilha abundante entre os pares. Tais práticas propiciam uma coexistência entre o visível e o invisível, o cotidiano e o extracotidiano, o individual e o coletivo, onde a fé nas práticas realizadas, o brincar, a conexão com a natureza e a relação com os antepassados sustentam a produção e a manutenção do existir.

A desigualdade social, resultante da cobiça da Casa Grande moderna (ou colonialidade, como o movimento decolonial defende), por si só já produz o

¹² O contracolonialismo praticado pelos africanos vem desde a África. É um modo de vida que ninguém tinha nomeado. Podemos falar do modo de vida indígena, do modo de vida quilombola, do modo de vida banto, do modo de vida iorubá. Seria simples dizer assim. Mas se dissermos assim, não enfraqueceremos o colonialismo. Trouxemos a palavra contracolonialismo para enfraquecer o colonialismo. Já que o referencial de um extremo é o outro, tomamos o próprio colonialismo. Criamos um antídoto: estamos tirando o veneno do colonialismo para transformá-lo em antídoto contra ele próprio. (Bispo dos Santos, 2023, p. 36-37)

desencante, pois como é possível produzir o encanto com panelas vazias, contas atrasadas e uma vida voltada apenas ao labor em uma sociedade individualizante?

Na cosmopercepção negro-indígena, encrustada nas práticas cotidianas e sensíveis pelo Brasil afora, há uma tática contracolonizadora que sustenta a vida no encantamento. Tal prática é invocada dos saberes de quintal, das rezadeiras e benzedadeiras, dos povos originários, dos saberes da terra e dos demais povos e culturas que partilham modos de existência múltiplos. O nome que se dá a essa prática que sustenta o respeito à vida para em suas diversas formas é encanto:

O encantamento como uma capacidade de transitar nas inúmeras voltas do tempo, invocar espiritualidades de batalha e de cura, primar por uma política e educação de base comunitária entre todos os seres e ancestrais, inscrever o cotidiano como rito de leitura e escrita em diferentes sistemas poéticos e primar pela inteligibilidade dos ciclos é luta frente ao paradigma de desencanto instalado aqui. Ou seja, o encanto é fundamento político que confronta as limitações da chamada consciência das mentalidades ocidentalizadas. (Rufino, p. 7-8, 2020)

Para a produção do encanto, é preciso ter uma consonância entre a dignidade e o respeito ao bem viver, de modo a sustentar a existência e suspender o cotidiano, onde o alimento, o encontro, a partilha, a experiência, o rito, o festejo e a ativação do segredo do invisível e até o indizível, produzem um modo de existência que contraria a perspectiva da vida em sobras, ditada pelo capitalismo, aplicando práticas que dignificam a vida e sustentam o corpo que sonha.

Unindo as potências produzidas por esse corpo-transatlântico, o corpo-memória guarda em si culturas e aprendizados que se sustentam mesmo após o roubo ou o tráfico atlântico do continente africano ao continente americano. Junto ao encanto, que sustenta a vida, a dignidade e a vivacidade dos modos de vida que não alimentam exclusivamente o capitalismo e o lucro dos dominadores, é possível construir um caminho a ser trilhado para uma educação emancipatória e de encantamento, propondo um livramento do adoecimento e desencanto.

Sou um sujeito crente na educação ao mesmo tempo que sou um caboclo desconfiado das “verdades” que insiste em tentar apreendê-la. Educação, para mim, é um efeito que aviva o ser, o arrebatava e o lança em um redemoinho de dúvidas que com seus movimentos são capazes de abrir caminhos. Sua labuta é que nasce do sincopado entre cisma e encanto: salta das pessoas, dos seus modos de vida e fiar das experiências. (Rufino, p.65, 2024)

O encante produz a luminosidade que aproxima a criança interna da trilha do caminho conosco. Uma vez que rememoramos quem somos, por onde andamos e quais experiências produzem os encontros de solos férteis, é possível invocar o encante para o cotidiano. O cotidiano encantado tece caminhos possíveis da vida e é em pequenas-grandes ações diárias que podemos encantar os nossos caminhos, dando manutenção ao lugar que queremos construir. A erva e rezadeira não se conecta com a erva apenas quando deseja algo dela, ela cuida todos os dias, dá manutenção à sua potência de existência, para só depois poder usufruir do segredo que corre em suas folhas e raízes. Assim deve ser feito com o encante, ele precisa de manutenção, ritualização de pequenas coisas do cotidiano para manter o feitiço que quebranta o desencante ativo.

Através dos alembramentos é que a ritualização do cotidiano pode acontecer. Alembrar traz consigo uma reconexão ancestral de raízes profundas, sobre si e sobre a coletividade que nos compõe. Ao nos apropriarmos de nossos alembramentos, podemos conjurar os alumbramentos da vida como estratégia de assombro dos desencantes e relacionados com as benquerenças do caminho. O que nos faz bem, o que nos mantém fortes e esperançosos, precisa ficar perto da vista. Se o cotidiano é adoecedor e padece dos mandos e desmandos do capitalismo, é contra ele que devemos lutar. É aí que a criança interna, mesmo que seja a criança real-fictícia, necessita ser convidada para caminhar junto, pois quem mais poderia confrontar o cotidiano com um sorriso no rosto, os olhos brilhantes e uma sede de mundo? De certo, a criança é uma ótima aliada para reconstruir um mundo que seja bom para ela [e para nós].

Alembramentos como prática do cotidiano: passos para invocação do encante

Se é possível organizar um caminho para a invocação do encante, não sei, mas por meio dos aprendizados adquiridos com meu corpo em movimento e as sabenças colhidas no caminho, aponto possíveis pistas para encantar a vida.

Para traçarmos essas pistas e fazê-las girar na invocação do encante, chamo para essa prosa o que aqui será nomeado de “mapeamento de si”. Partimos da perspectiva de que somos seres individuais-coletivos com pontos de vista e de partida completamente diferentes [às vezes próximos, mas nunca iguais]. Perguntas ORientadoras podem ser boas aliadas para compor este mapeamento.

Como estamos dialogando sobre o que nos encanta, começar com perguntas pode abrir um leque de memórias e alembamentos de si. O que me encanta? O que faz meus olhos brilharem? Do que tenho saudades? De que não abro mão? Essas perguntas podem ser simples, mas abrem a porteira para refletirmos sobre a pessoa que somos hoje, quem já fomos há tempos atrás e quem nós queremos ser. Isso nos dá a perspectiva do que nos é caro e pode também apontar, nos caminhos que trilhamos, lugares que não desejamos voltar.

As “andanças” também podem ser convocadas para pensarmos de maneira aprofundada como o nosso eu-presente chegou até aqui e quais foram as experiências que encarnaram em nossa pele. É importante reconhecer os caminhos pelos quais passamos, e lembrar quem encontramos durante o percurso. Se foi a pedra que nos fez tropeçar, a folha molhada que nos fez escorregar, a flor que emanou um perfume único, a paisagem que ficou marcada na memória, os amores ou desamores, a esperança, a ingenuidade, a malícia, enfim, refazer caminhos nos aponta as situações que nos moldaram para que pudéssemos chegar até aqui.

“Quem me inspira” também é convocado para essa conversa, aqui é o momento de refletirmos quais os seres [vivos ou encantados] que nos mobilizam, bem como os que contribuíram na construção de nosso pensamento. Podem ser invocados seres conhecidos do nosso quintal como parentes, amigos, vizinhos, ou seres que observamos e que nos encantam de certa maneira. Também podemos invocar os seres desconhecidos como personalidades emblemáticas, autores, ou seres que produzem ações que nos afetam de maneira positiva. As inspirações por si já produzem um bocado de encanto, uma vez que tais afetamentos nos mobilizam para movimentos internos e externos. Com a investigação de nossas inspirações podemos perceber onde nosso peito pulsa, onde nossa alma se alimenta e o que faz nossos passos se apurarem.

Por fim, “com quem partilho” pode ser invocado como uma última pista para desenharmos o nosso “mapeamento de si”, uma vez que essa potência individual e coletiva perpassa a subjetividade de cada pessoa, é importante nos alembarmos de como nos constituímos como seres coletivos. Quem sou quando estou em coletivo? De qual bando eu faço parte? Quem são os pares que escolho e pelos quais sou escolhida? Quais coletividades preciso compor, sem necessariamente escolher pertencer? (aqui podemos pensar na esfera de coletividades “forjadas”,

como relações de trabalhos ou grupos em que precisamos estar sem necessariamente nos adequar ou gostar).

Juntando essas quatro pistas é possível ter melhor consciência de quem somos, dar nomes às luzes e sombras que nos compõem invocando o que realmente nos importa. Assim como nós somos seres que carregamos subjetividades, os nossos encantos também são subjetivos. Quando estamos doentes, precisamos dar nome à doença para que sejam criadas estratégias de tratamento que resultem na cura. Assim funciona com o desencante e o encante, precisamos saber o que nos desencanta para invocarmos os encantos que façam a cura do nosso cotidiano.

Fechando porteira do desencante

Para fecharmos a porteira dessa escrita encarnada, que caminha com os alembramentos como estratégias contracoloniais de encantamento, foram invocadas algumas memórias-corpo. A criança interna que me compõe foi invocada a caminhar com a adulta que hoje sou. Nesta tenra caminhada, a criança guiará, com os seus olhos-faróis, trilhas boas para se pisar. Já a adulta será responsável por cuidar das feridas que ambas adquiriram no trajeto. Com essa união harmônica entre a adulta e a criança que me habitam, a criação de novas rotas iluminadas desponta em mundos possíveis, onde a alteridade, a partilha, as pluralidades e as utopias poderão habitar.

Também foram invocados os caminhos percorridos e as sabenças colhidas através do encontro. Nesse diálogo com os caminhos surgem as inspirações, as histórias e a experiência sensível de compreender que neste mundo não rodamos sós, existem muitas forças que também ensinam se estivermos prontos para aprender e escutar.

Por fim, dialogamos sobre pistas para invocar o “mapeamento de si” e reconhecer o que nos encanta e o que nos desencanta, com o intuito de criar estratégias para desafiar o desencante produzindo outras formas de mundos através do encantamento.

A criança, o sonho e o esperar são aliados para a construção destes mundos possíveis, em que as farsas são desmanteladas dando espaço para algo genuíno e curativo, de maneira a respeitar as pluralidades de existências e os

modos de vida.

Todo esse enredo sobre o qual dialogamos pode, e muito, trazer potencialidades para a educação, que tem um papel primordial na construção de mundos onde a pluralidade deve ser respeitada, pois o chão de escola apresenta pluralidades gritantes no cotidiano. As práticas de alembamentos podem ainda auxiliar as pessoas trabalhadoras da educação a não se perderem no cotidiano adoecedor no qual a educação está sendo posta, pois a política de desmontes dos governos esfacela os corpos dessas pessoas profissionais para que elas cumpram o propósito de “falharem” no ato de educar. Assim se mantém as práticas colonizadoras de dominação sobre os corpos-vidas em vigência, gerando mais capital para a *Casa Grande* que tudo quer e resultando em corpos desencantados em uma sociedade adoecedora e alienada.

Nem de longe essa escrita se propõe a solucionar tamanha responsabilidade que as pessoas trabalhadoras da educação carregam em suas costas, pois há um longo e complexo contexto histórico-social que necessitaria de uma reforma do ensino e da maneira de ensinar que aqui não nos cabe. No entanto, podemos aprender, com as formigas que, mesmo pequenas, desempenham um trabalho individual e coletivo notável em prol de algo maior. Essa escrita-pensamento se detém em sonhar, ousa em ser um pequeno sopro que alivia o cansaço diário e suspende o cotidiano para que não nos permitamos esquecer o que nos é caro, é bom e que nos brilha os olhos. A educação precisa de olhos brilhantes e conscientes para não desmoronar em cima das crianças. É preciso lembrar que necessitamos proteger as infâncias.

Os alembamentos propõem caminhos contrários às práticas de esquecimento herdadas da experiência transatlântica, eles são movimentos de desobediência que assombram o desencanto. A memória constituída no corpo, na vivência, nas aprendizagens e na consciência de si, cria caminhos para o fortalecimento de si, para que se possa sonhar um sonho coletivo da construção de mundos possíveis.

Referências Bibliográficas

- BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá, a terra quer** / Antônio Bispo dos Santos; imagens de Santídio Pereira; texto de orelha de Malcom Ferdinand. São Paulo: Ubu Editora/ PISEAGRAMA, 2023.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Acesso em: 07 out. 2025.
- EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: Duarte Constância Lima; NUNES, Isabela Rosado (orgs). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo** / organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes; ilustrações Goya Lopes. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.
- MIGNOLO, Walter D. **A opção decolonial: desprendimento e abertura. Um manifesto e um caso**. Tabula Rasa. 2008. Acesso em: 26 de setembro de 2025. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=39600813>
- MARTZ, Doroti Ferreira. **Experiências vitais negras: curas, reORientações e criações poéticas com palavras e imagens**. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2023.
- RUFINO, Luiz. **Cazuá: Onde o encanto faz morada**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2024
- SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Encantamento: sobre política de vida**. Rio de Janeiro: Mórula, 2020
- SILVA, Marisa Francisca da. **“Voltar Atrás”: Uma Contemplação sobre o Pássaro e o Adinkra Sankofa na Cultura Afro-brasileira.** Nhengatu: Revista Iberoamericana para Comunicação e Cultura Contra-Hegemônicas, São Paulo, v. 1, n. 7, jan.-dez. 2023. Acesso em: 29 de setembro de 2025. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/nhengatu/article/view/66752/44901>